

NAVEGANDO NO PARAÍSO: CASA DOUGLAS, RICHARD MEIER, 1971-73

Data de aceite: 02/05/2023

Silvia Lopes Carneiro Leão

Doutora, Departamento de Arquitetura da
UFRGS

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo documentar e analisar uma obra moderna de início dos anos 1970, do arquiteto norte-americano Richard Meier e equipe: a Casa Douglas (1971-73), em Harbor Springs, Michigan, Estados Unidos. Richard Meier faz parte de um grupo de arquitetos que teve atuação importante a partir dos anos 1960. Suas casas retomam elementos do modernismo inicial e são declaradamente inspiradas na “arquitetura branca” de Le Corbusier. A Casa Douglas tem uma história interessante, com altos e baixos. Recebeu prêmios, teve vários proprietários, entrou em decadência e acabou por ser restaurada e declarada patrimônio nacional. Seu primeiro proprietário gostou de uma casa anterior de Meier, a Casa Smith, e queria uma igual. Arquiteto e cliente chegaram a um acordo, e a residência é apenas parente próxima de sua predecessora. O lote, extremamente íngreme, exigiu tecnologia especial. A solução, em vários níveis, explora com

maestria a luz natural, as vistas do entorno e os motivos náuticos. A residência foi tombada em 2016, juntamente com seu sítio de implantação, uma exuberante paisagem natural às margens do Lago Michigan. Trata-se, portanto, de um edifício cujo destino é permanecer intacto em meio à natureza que o cerca, atribuindo-lhe *status* de paisagem cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Casa unifamiliar moderna; Casa Douglas; Richard Meier; Arquitetura dos anos 1960-75.

SAILING IN PARADISE: DOUGLAS HOUSE, RICHARD MEIER, 1971-73

ABSTRACT: The current paper aims to document and analyze a modern work from the early 1970s, by the American architect Richard Meier and team: the Douglas House (1971-73), in Harbor Springs, Michigan, United States. Richard Meier is part of a group of architects that played an important role in the 1960s. His houses take up elements of early modernism and are clearly inspired by Le Corbusier’s “white architecture”. Douglas House has an interesting history, with ups and downs. It received awards, had several owners, went into decline and was finally restored and

declared National Historic Place. Its first owner liked a previous Meier's house, the Smith House, and wanted an equal one. Architect and client have come to an agreement, and the residence is only a close relative of its predecessor. The plot, extremely steep, required special technology. The multi-level solution masterfully exploits natural light, views of the surroundings and nautical motifs. The residence was listed in 2016, along with its site, a lush natural landscape on the shores of Lake Michigan. It is, therefore, a building whose destiny is to remain intact in the midst of the nature that surrounds it, giving it the status of cultural landscape.

KEYWORDS: Modern single-family house; Douglas House; Richard Meier; Architecture of the years 1960-75.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem por objetivo a apresentação, documentação e análise de uma casa projetada e construída entre 1971 e 1973, de autoria do arquiteto norte-americano Richard Meier: trata-se da Casa Douglas, em Harbor Springs, Michigan, Estados Unidos. Após passar pelas mãos de diversos proprietários e ter sua integridade ameaçada, a casa foi submetida a uma profunda restauração e é hoje parte do patrimônio moderno dos Estados Unidos, preservada juntamente com o belo sítio onde se implanta.

A ideia de documentar a Casa Douglas tem origem em uma pesquisa mais ampla sobre casas unifamiliares modernas do período 1960-1975, em que se percebeu a importância desta obra e a existência de um rico e disperso material sobre ela. Pretende-se, aqui, sistematizar este material, que inclui: livros e revistas sobre o autor e a residência; publicações e *sites* na internet, alguns dos quais com imagens de fotógrafos consagrados; e documentos oficiais de preservação do imóvel e do sítio de implantação. Pretende-se, de forma breve, contar a história da casa – da construção ao tombamento – e fazer uma análise de sua arquitetura, considerando estrutura formal, espacialidade, relações com entorno, uso de técnicas construtivas e alguns de seus principais precedentes arquitetônicos.

No texto *La casa unifamiliar moderna*, Comas denomina *Reforma*¹ o período da arquitetura moderna compreendido entre os anos de 1960 e 1975. Segundo ele, esta fase caracteriza-se, em linhas gerais, por uma revisão do que se fazia até então: a arquitetura moderna, já consagrada, disseminada e institucionalizada, passa por um momento de questionamentos, protestos, tentativas de transformação e regeneração.

O trabalho inicial de Richard Meier enquadra-se neste período. Sua obra começa a ter relevância dentro da arquitetura norte-americana a partir da década de 1960, quando ele e um grupo de arquitetos começam a produzir edifícios mais inclusivos, que admitem influências e citações, tanto de arquiteturas pré-modernas, como da arquitetura moderna anterior, consagrada entre os anos 1915-1960.

Richard Meier participava, neste período, do grupo de arquitetos que ficou conhecido

¹ Em: COMAS, ADRIÁ, 2003, p. 20-27. Os outros períodos designados por Comas são: Vanguarda (1915-30); Disseminação (1930-45); e Institucionalização (1945-60).

como *The New York Five*, do qual também faziam parte Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey e John Hejduk². O quinteto produz, entre os anos 1960 e 75, uma série de casas unifamiliares bastante especulativas, testando soluções que serão usadas em obras posteriores, de maior envergadura. Meier, em particular, produz pelo menos nove residências importantes³ neste período, entre as quais se destacam a Casa Smith (1965-67, Darien, Connecticut) e a Casa Douglas.

Considerada por muitos uma evolução da Smith, a Casa Douglas foi fartamente publicada e recebeu premiações importantes, tais como *Arquitetura Favorita da América* (2007) e *Prêmio Governamental de Preservação Histórica* (2017)⁴. Situa-se em sítio paradisíaco – uma encosta íngreme, coberta por mata natural, às margens do Lago Michigan – local que recebeu o selo de preservação em 2002⁵. A residência, por sua vez, de um branco imaculado que contrasta com os tons da natureza, recebeu o *Registro Nacional de Lugares Históricos*⁶ em 2016. Seu volume branco e os motivos náuticos de seus elementos remetem à arquitetura industrial expressa por Le Corbusier em *Por uma Arquitetura*⁷, evocando um transatlântico que navega em meio à natureza virgem. Hoje, completamente restaurada, conta com proprietários zelosos e site próprio na internet⁸.

O tombamento da casa, assim como da natureza ao seu redor, a fazem digna de atenção. Trata-se de um conjunto – objeto arquitetônico e entorno natural – que se destina a permanecer íntegro para sempre, atingindo *status* de paisagem cultural.

CASA DOUGLAS: HISTÓRIA, PROJETO, PRECEDENTES

História

A história da Casa Douglas tem origem em maio de 1968, quando a revista *Architectural Records* publica em sua capa a Casa Smith (Darien, Connecticut, 1965-67), também de Richard Meier. O casal James e Jean Douglas, de Grand Rapids – cidade importante, a sul do estado de Michigan, Condado de Kent – vê a publicação e se apaixona pela residência: queria uma casa aberta e transparente, de linhas limpas e modernas, exatamente como aquela (Figuras 1 e 2).

2 Vide: EISENMAN, 1982.

3 Além de Smith e Douglas, podem ser citadas as seguintes casas: Hoffman (East Hampton, NY, 1966-67); Saltzman (East Hampton, NY, 1967-69); em Pound Ridge (Pound Ridge, NY, 1969); em Old Westbury (Old Westbury, 1969-71); Shamberg (Chappaqua, NY, 1972-74); Suburban Prototype (Concord, Massachusetts, 1976); e Maidman (Sands Point, Long Island, 1971-76). Em: RICHARD MEIER, 1984, p. 26-91.

4 No original: 2007 America's Favorite Architecture – AIA 150; 2017 Governors Award for Historic Preservation. Em: <https://www.douglashouse.org/accolades>

5 Vide: STEEP SLOPE PROTECTION, 2002.

6 Vide: NATIONAL REGISTER OF HISTORIC PLACES, 2016.

7 LE CORBUSIER, 1977, p. 57-68.

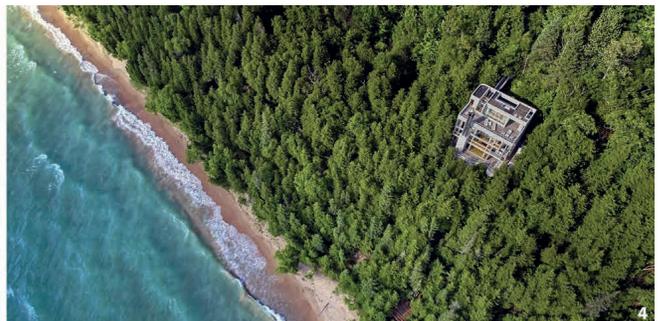
8 Site oficial da Casa Douglas: www.douglashouse.org



Figuras 1 + 2. Casa Smith, Darien, Connecticut, 1965-67. Vista NO + Vista SE.

Fonte: SUDJIC & BEYERLE, 1999, p. 82-83.

Em 1971, o casal procura Richard Meier no seu estúdio em Nova York, pedindo-lhe uma cópia da Casa Smith. Esta cópia seria implantada em lote de sua propriedade, num condomínio de luxo em Harbor Springs, Condado de Emmet, norte de Michigan. Jim dirigia, então, uma empresa de transportes rodoviários criada por seu pai em Grand Rapids. Cansado do ritmo de vida agitado, buscava um lugar mais tranquilo, optando por Harbor Springs, cidade com ares de *resort*, à beira do Lago Michigan. Maior lago de água doce situado dentro das fronteiras dos Estados Unidos e quinto maior do mundo, o Michigan é famoso pelas belas praias. Sua água é fresca e límpida; as areias brancas formam altas dunas; parques naturais localizam-se às suas margens, parte dos quais pertencentes a reservas florestais; o clima do lugar é temperado, com verões amenos e aprazíveis (Figura 3).



Figuras 3 + 4. Mapa de Michigan, EUA + Vista panorâmica da Casa Douglas.

Fontes: Google Earth (2022) + Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

Diante do pedido inusitado do casal, Meier propõe não uma cópia, mas um novo projeto, inspirado no precedente. Arquiteto e clientes acabam por chegar a um acordo, e Meier dá início ao projeto da nova residência. Os Douglas dão carta branca ao arquiteto

para a realização do trabalho: “Eu queria uma casa tipo Bauhaus, muito aberta”, lembra Jim Douglas. “Não colocamos nenhuma restrição ao arquiteto, pois achamos que assim ele faria melhor seu trabalho (MINNER, 2011, p. 1)”.

A proposta inicial foi submetida à administração do condomínio de luxo, que tinha leis estritas para construções e paisagismo. A ideia de uma casa branca e com cobertura plana, entretanto, foi rejeitada, tendo em vista a exigência de maior relação com a arquitetura tradicional norte-americana. Inconformados, Jim e Jean saem em busca de um novo terreno e acabam por encontrá-lo a norte de Harbor Springs, em um sítio bem mais dramático que o anterior.

Meier faz um resumo da história:

Um dia recebi uma carta do Sr. e da Sra. James Douglas, perguntando se eu venderia a eles o anteprojeto da Casa Smith. Eu respondi que, embora não estivesse preparado para vender os desenhos, eu certamente estaria disposto a projetar uma nova casa para eles, em linhas similares. Eles aceitaram, e comecei a projetar a residência para um sítio que eles haviam comprado em loteamento no norte de Michigan. Feito isto, o empresário responsável pelo loteamento insistiu na revisão do projeto das casas que seriam construídas dentro dos limites do loteamento. Ele me pediu para enviar fotografias do meu trabalho e recusou-se a permitir uma casa que não tivesse o pré-requisito do clássico telhado inclinado. Para minha alegria, os Douglas responderam a este impasse com a imediata venda do terreno e a procura por outro sítio, dando início a uma gratificante parceria. (HILL, 2016, p.1-2)

O novo terreno ficava em uma encosta muito íngreme, coberta de árvores coníferas, com bela vista e acesso direto para o Lago Michigan. Meier visitou o lote, percebeu as dificuldades a serem enfrentadas, especialmente com relação à topografia e à distância de Nova York, onde tinha seu estúdio. “Era um terreno muito particular e completamente coberto de árvores – da estrada se podia ver o lago. Era difícil saber como construir ali. Demorei bastante para descobrir (MINNER, 2011, p. 2)”, lembra ele. Tomou, então, uma decisão: despachou Tod Williams, seu funcionário e ex-aluno da Escola de Arquitetura da Universidade de Princeton, para Michigan, a fim de intermediar o projeto e tomar conta da obra.

A nova casa não seria uma cópia da anterior, mas uma evolução, uma espécie de irmã da Casa Smith, totalmente adaptada ao novo lugar. Meier dá início ao projeto em 1971. No inverno de 1972, a dupla de arquitetos discutia os esboços iniciais, Meier no estúdio em Nova York e Williams no local da obra. Mais adiante, Sherman Kung e John Colamarino, outros dois arquitetos da equipe de Meier, também participaram do projeto, desenvolvendo os desenhos que Williams enviava para o estúdio⁹. Foi um trabalho feito a quatro mãos, sob coordenação de Meier.

O primeiro desafio dos arquitetos foi posicionar a casa de modo a remover o menor número possível de árvores. O maior dos desafios, entretanto, foi vencer o acentuado

⁹ REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 9.

declive do terreno, à primeira vista inviável para a construção. A equipe propôs fundações compostas por uma série de postes telefônicos cravados no solo. A casa foi concluída em 1973, após três árduos anos de construção. Os quatro arquitetos criaram uma residência que alguns consideram a melhor da obra de Meier. Logo depois de concluída a construção, a extensão da costa circundante, de ambos os lados da casa, foi designada “litoral nacional”, título que proíbe qualquer urbanização nas proximidades e assegura o isolamento da casa pelos próximos anos¹⁰ (Figura 4).

A casa teve altos e baixos desde que o casal Douglas a vendeu em 1981. Seu segundo proprietário a descaracterizou, com intervenções tais como: acarpetamento; adição de papel e pinturas coloridas nas paredes; acréscimo de móveis americanos tradicionais, bem distintos do mobiliário moderno proposto por Meier. Fechada durante os invernos, a casa deteriorou-se rapidamente. Em 1985, foi vendida para Paul Beitler, um incorporador imobiliário de Chicago, que assim reagiu ao tratamento dado pelo ex-proprietário: “Esse cara não tinha a menor ideia do que era essa casa (AN ONLINE CHRONICLE, 2020, p. 1)”. Beitler restaurou a residência em 1988 e a deixou em boas condições.

Em 2007, entretanto, a casa havia caído novamente em desuso. Foi quando o casal Michael McCarthy e Marcia Myers a encontrou, em estado de abandono, mas estruturalmente sólida. “Vimos esta casa branca listada na internet, com muitos vidros e vista para o lago”, disse Myers, que, junto com o marido, havia procurado por anos uma propriedade à beira-mar. Eles continuaram explorando casas em outros lugares, mas acabavam voltando à casa de Harbor Springs. “O preço continuou caindo, enquanto em outros lugares subia vertiginosamente (MINNER, 2011, p. 1)”, continua ela.

Eles viajaram para o Lago Michigan para vê-la pessoalmente. A casa tinha problemas, mas McCarthy, engenheiro de formação, catalogou todos eles e utilizou os dados para negociar um preço mais baixo. Em busca de mais informações, antes de efetivar a compra, procurou os três proprietários anteriores. Foi só então que começou a discernir o *pedigree* da residência e acabou por fechar o negócio. Os amigos começaram a elogiar a compra e arquitetos e professores a bater em sua porta, solicitando visitas. “Foi quando percebemos que havíamos adquirido uma obra-prima americana (MINNER, 2011, p. 1)”, declarou Myers.

Fechado o negócio, as dificuldades enfrentadas foram grandes. No mercado há anos, a casa estava coberta de insetos e mofo; havia problemas de toda a ordem, na cobertura, nos pisos, nas esquadrias, na passarela de acesso, na estrutura. Mas o casal não se intimidou e entrou em contato com o escritório de Meier em Nova York. O arquiteto sugeriu a contratação de uma empresa e a restauração por engenheiros locais. Os novos proprietários seguiram a orientação, ao mesmo tempo em que estabeleceram um relacionamento informal com um então funcionário de Meier, nativo de Michigan, Michael Trudeau. Em caso de dúvidas, ligavam para Trudeau, que entrava em contato com Meier para obter esclarecimentos. “Eles queriam manter o projeto original (MINNER, 2011, p. 2)”,

¹⁰ RICHARD MEIER, 1984, p. 77.

afirmou Trudeau. Foi iniciado, então, um processo de reforma meticulosa e heroica, com máxima atenção à integridade do projeto original.

O processo de restauração durou quatro anos (Figura 5). Entre tantas coisas, a equipe removeu as janelas de aço, depois as reinstalou com vidro térmico e ferragens obtidas no fornecedor original; a madeira danificada das fachadas foi substituída e pintada no branco original; foi adicionado um reforço de aço à passarela de acesso; os sistemas de climatização foram substituídos por equipamentos energeticamente eficientes; alguns móveis foram restaurados e foi reestofado um sofá projetado por Meier para a sala de estar¹¹.



Figura 5. Casa Douglas. Restauração em 2008.

Fonte: Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

Antes da reforma concluída, o casal entrou em contato com organizações estaduais e nacionais de preservação para garantir o futuro da residência. Em 2002, foi editada uma portaria para preservação da Região 5 do Condado de Emmet, onde a casa se situa, que passa a proteger a integridade das encostas íngremes do Lago Michigan¹². Em julho de 2016, a Casa Douglas foi adicionada ao Registro Nacional de Lugares Históricos¹³, lista federal de recursos culturais dignos de preservação nos Estados Unidos. Desde então, permanece intacta, sem adições ou modificações em sua estrutura física e sem alterações nos usos ou *layouts*.

Hoje, com a casa impecavelmente restaurada, o casal tem planos de criar uma fundação que cuide dela para sempre e permita que outros se beneficiem de sua arquitetura. Como medida adicional, McCarthy e Myers compraram uma propriedade adjacente, com estrutura capaz de fornecer espaço para funcionários e uma biblioteca¹⁴. Seu primeiro passo foi criar um *site* totalmente dedicado à casa –projeto, história, restauração–, com imagens deslumbrantes e direção de arte do consagrado fotógrafo James Haefner¹⁵.

11 MINNER, 2011, p. 2.

12 STEEP SLOPE PROTECTION, 2002.

13 No idioma original: National Register of Historic Places. Em: LYNCH, 2016, p.1.

14 AN ONLINE CHRONICLE, p.2.

15 Vide: www.douglashouse.org.

Quarenta anos após sua criação, portanto, a Casa Douglas volta à sua condição original. A restauração impecável permite que se conheça uma das 150 melhores obras da América, segundo lista de 2007 de *Estruturas Arquitetônicas Favoritas das Américas* do AIA¹⁶, na qual constam apenas 20 casas unifamiliares. A reforma concedeu à casa *status* legal para ser mantida por gerações. Hoje, ela tem caráter privado e não está aberta à visitação. Mas os planos para o futuro, ao que tudo indica, são de abertura ao público e, quem sabe, elevação à condição de casa-museu.

Projeto

A Casa Douglas, como foi visto, nasce a partir da precedente Casa Smith, de 1965-67, em Darien, Connecticut (Figuras 1 e 2). De fato, as duas residências, talvez as melhores de Richard Meier, têm um parentesco muito forte, principalmente no que se refere a organização funcional, acesso posterior através de passarela e contraste entre fundo opaco e frente transparente. Mas o sítio muito mais dramático da Douglas, com densa vegetação de coníferas e declive de cerca de 40 graus de inclinação a partir da estrada de acesso¹⁷, representou um desafio muito maior em termos técnicos e arquitetônicos. E o resultado foi surpreendente: a irmã, embora mais nova, mostra-se mais arrojada, mais impetuosa, com personalidade mais forte.

A casa localiza-se na face oeste da estreita e sinuosa rota M-119 – South Lake Shore Drive –, que se estende ao longo de penhascos na costa leste do Lago Michigan, em meio a densa mata nativa de coníferas. Às margens da rodovia, duas linhas de árvores formam um grande arco vegetal, que a fazem conhecida como *Túnel de Árvores*¹⁸. Declarada *Rota de Patrimônio Cênico*¹⁹ pelo estado de Michigan, a via é protegida contra normas de engenharia padrão para rodovias, o que lhe permite manter o caráter altamente pitoresco. A partir da estrada, o penhasco rochoso e densamente arborizado desce até o limite oeste do terreno, uma praia particular com pouco mais de 295m de extensão²⁰, banhada pela água azul-turquesa do Lago Michigan. Em função do declive acentuado, o transeunte que anda pela M-119 verá apenas o pavimento mais alto e a passarela de acesso à residência (Figura 6).

A casa foi projetada como residência permanente para o casal Douglas e três filhos²¹. O programa organiza-se em volume de quatro pavimentos – cobertura e três pavimentos principais – completamente branco. É opaco e mais fechado aos fundos, voltados para a estrada de acesso a leste, e transparente e aberto à frente, com vista deslumbrante para o Lago Michigan a oeste. Predominantemente vertical, o volume apresenta-se como

16 No original: America's Favorite Architectural Structures e American Institute of Architects. Em: NATIONAL REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 11.

17 A declividade aproximada foi medida com base nos desenhos de projeto disponíveis em publicações.

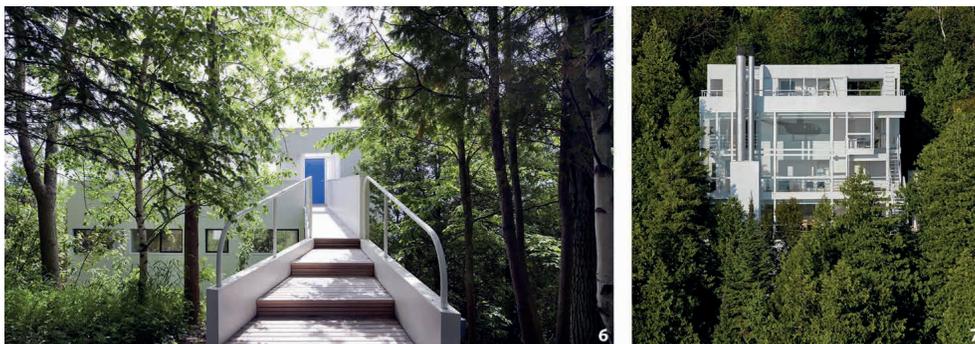
18 No original: Tunnel of Trees. REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 3.

19 No original: Scenic Heritage Route. REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 3.

20 MINNER, 2011, p. 1.

21 REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 9

um paralelepípedo de base retangular, com quatro pavimentos de altura, sobre uma base em rampa que o adapta ao forte declive do terreno. Longe de ser um volume puro, como algumas das casas brancas de Le Corbusier, sofre uma série de adições e subtrações que o tornam bastante complexo. Passarelas de acesso, escadas protuberantes, chaminés proeminentes, terraços com guarda-corpos náuticos, criam forte movimento volumétrico. E o jogo de cheios e vazios, avanços e recuos, é ainda mais acentuado pelo grande contraste entre opacidade e transparência das fachadas opostas, a leste e oeste (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 + 7. Casa Douglas. Vistas da estrada (Leste) + Vista do lago (Oeste)

Fonte: Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

Com aproximadamente 280m² de área de projeção²², a casa implanta-se em lote que originalmente tinha 3,25 acres ou 13.152,28m². A maior parte dele ficava a oeste da via, junto ao lago, onde a casa se localiza (Figura 8). Dois veículos podiam estacionar do lado oeste, numa pequena estrada de cascalhos, próxima à entrada da casa. Não havia garagem ou outras dependências associadas à residência, apenas uma quadra de tênis e um pequeno galpão para depósito, que mimetizava a forma prismática da residência. O galpão e a quadra ficavam a leste da M-119, onde a topografia é mais plana²³. Mais tarde, os atuais proprietários incorporaram um terreno anexo e o lote passa a ter 8 acres ou 32.375m²⁴.

O acesso à casa se faz por uma passarela suspensa, de aproximadamente 13m de comprimento²⁵, que parte da estrada a leste e desemboca na cobertura da casa, na cota alta do terreno. A porta de entrada, portanto, fica no pavimento superior, e o movimento através do espaço é de cima para baixo, uma espécie de *promenade* descendente, cheia de jogos de luz, alturas múltiplas e vistas surpreendentes, tanto para o espaço interno como para a paisagem exterior. Alternativamente, o visitante pode entrar na casa dois pavimentos

22 Em: <https://www.douglashouse.org/story>

23 Em: REGISTER OF HISTORICO PLACES, p. 5.

24 Em: <https://www.douglashouse.org/story>

25 43 pés de comprimento. Em REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 6.

abaixo, onde outra passarela menor, exatamente abaixo da primeira, dá acesso direto à zona de estar. Para isso terá que descer por uma escadaria lateral, que parte da estrada, tem parada na passarela mais baixa e continua ladeira abaixo até a praia (Figura 9).



Figuras 8 + 9. Casa Douglas. Implantação + Passarelas de acesso.

Fontes: GA, n. 34, 1975, p. 42 + Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

As plantas retangulares se organizam em três faixas longitudinais de larguras diferentes (Figura 10). A faixa a leste, próxima à estrada, tem largura intermediária e contém a escada principal, na extremidade norte da planta. Inclui, ainda, acesso no pavimento superior; setor íntimo no terceiro e segundo pavimentos, sendo os três dormitórios dos filhos acima da suíte do casal; e suíte de hóspedes e cozinha no pavimento mais baixo.

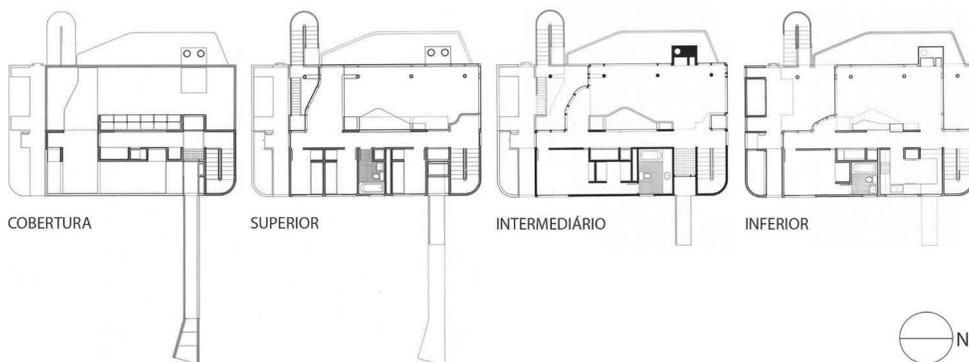


Figura 10. Casa Douglas. Plantas.

Fonte: GA, n. 34, 1975, p. 42-43.

A faixa central, mais estreita, configura um corredor longitudinal de circulação, que faz a intermediação entre setores íntimo e social, respectivamente nas faces posterior leste e anterior oeste da residência. Este corredor é aberto para o setor social, criando uma zona de dupla altura e relacionando-se com a vista frontal, que descortina o Lago Michigan.

A terceira faixa, a oeste, é mais larga e contém o setor social, amplo, fluido, transparente e com vista para o lago. Na cobertura, esta faixa é dominada por grande terraço aberto, que funciona como mirante para a paisagem; no terceiro pavimento, fica apenas um escritório a sul, aberto para um grande vazio sobre a sala de estar. Na extremidade deste vazio, bem no miolo da residência, uma claraboia localizada na cobertura joga luz através de uma fenda triangular de tripla altura, atingindo os três pavimentos abaixo (Figura 11). Cria-se, assim, um foco de luz central, que repercute no corredor e em toda a altura da zona social, reforçando uma linha divisória que separa setores público e privado da residência. A sala de jantar fica no andar inferior, abaixo do estar. Há quem diga que a Douglas é, acima de tudo, uma “casa de luz²⁶”, na qual Meier explora ao extremo o sol e a luz natural.

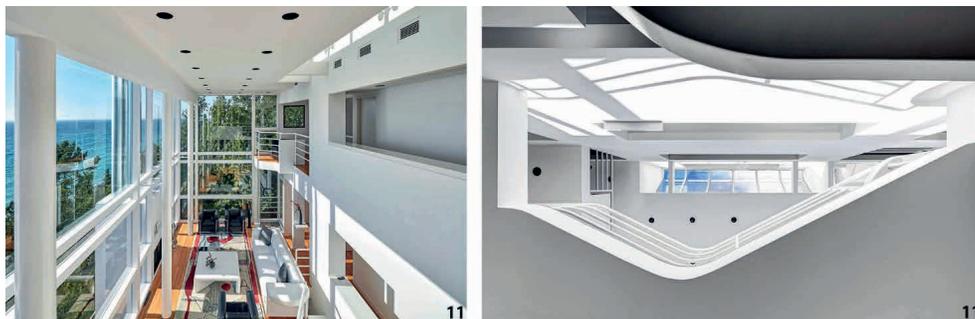


Figura 11. Casa Douglas. Claraboia central.

Fonte: Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

O maior desafio construtivo de Meier foi implantar a casa sobre o acentuado declive, uma encosta rochosa, com predominância de xisto. Para isso, propôs fundações estáveis, com 28 postes telefônicos de madeira, que funcionam como estacas cilíndricas de 16 polegadas (40,64cm) cravadas profundamente no solo²⁷. “Havia um operador de guindaste que posicionava as estacas, um verdadeiro *cowboy* do guindaste”, declarou Tod Williams. Muitas estacas foram danificadas. “A estrutura de suporte resultante era como uma floresta caótica de postes telefônicos”, continua ele. “Eu estava propenso a deixá-la exposta, mas a casa estava numa inclinação tão grande, que adicionamos uma espécie de saia de proteção. Meier disse que a base precisava ser fechada, e ele estava certo (THE DOUGLAS HOUSE, <http://www.douglashouse.org/details>)” (Figura 12).

26 BRADBURY; POWERS, 2009, p. 214.

27 Em: REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 9; e MINNER, 2011, p. 2.

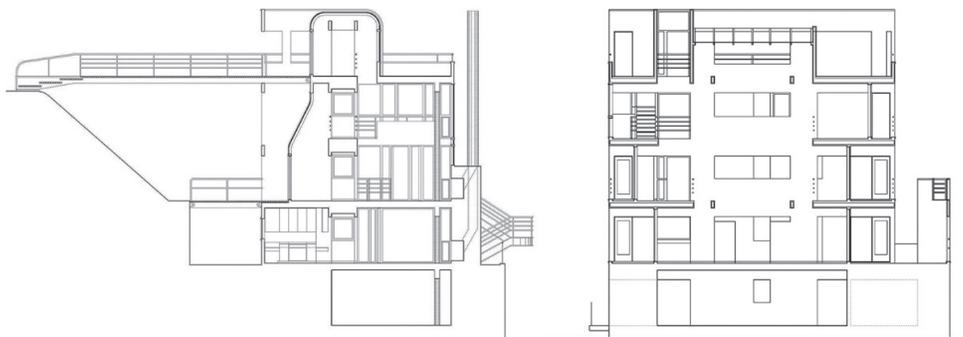


Figura 12. Casa Douglas. Cortes

Fonte: GA, n. 34, 1975, p. 46-47.

A casa tem estrutura metálica e fechamentos em vidro e madeira. As paredes, tipo *baloon-frame*²⁸, são de tábuas macho-e-fêmea, sólidas, de sequoia, com 3 e ¼ polegadas – pouco mais de 8 cm de largura – pintadas de branco. A cobertura plana, recoberta por selante emborrachado, é revestida com piso tipo *deck* de sequoias, em cor natural. Em meio a ela, situa-se a grande claraboia de vidro, com forma curvilínea. As janelas têm esquadrias metálicas na cor preta. Abaixo do primeiro piso, na base da residência, ficam as dependências com instalações, serviços de água, eletricidade e depósito²⁹.

Segundo Williams: “O empreiteiro, Jordan Shepard, era um ótimo artesão de Grand Rapids, Michigan, e conduzia sua equipe por mais de 320 Km até o local, toda a semana. (...) Ele era inteligente, e a casa é uma requintada peça de carpintaria (THE DOUGLAS HOUSE, <http://www.douglashouse.org/details>)”. Os pisos, exceto nos banheiros, são também em ripas de madeira, deixadas em cor natural, mais polidas no interior e mais ásperas nos *decks* dos terraços e da cobertura. Os corrimãos tubulares foram declaradamente inspirados nas ideias de Le Corbusier sobre a estética mecanicista – o “transatlântico”, de Por uma Arquitetura³⁰ – que Meier explorou também na Casa Smith e em outros projetos posteriores.

A transparência predomina na fachada oeste, voltada para o lago, expressando-se por meio de grandes panos de vidros duplos de piso a teto. Os módulos das esquadrias, segundo Jencks, têm ritmo sincopado e não simétrico, podendo ser lidos, da esquerda para a direita, como A-A-B-A-C-A-B. O canto direito erodido cria uma aresta em negativo³¹. Não há qualquer elemento de proteção solar e o sombreamento de verão se faz pela densa vegetação do entorno. As grandes superfícies transparentes são interrompidas apenas pelas vigas metálicas brancas e pela grande chaminé da lareira, que tem base opaca e é

28 FRAMPTON, 2008, p. 185. Baloon frame é um tipo de estrutura leve, composta por peças de madeira encaixadas entre si, muito usada na arquitetura residencial dos Estados Unidos.

29 NATIONAL REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 4-5.

30 LE CORBUSIER, 1977, p. 57-68.

31 JENCKS, 1988, p. 77-78.

arrematada por tubos metálicos em cor prata natural. Na fachada leste, junto à estrada, as janelas são menores e se expressam como buracos quadrados ou janelas em fita sobre a superfície opaca de madeira pintada de branco (Figuras 6 e 7). As laterais norte e sul, com base inclinada em razão do declive, são metade opacas e metade transparentes, correspondendo ao tratamento dado às faces leste e oeste, respectivamente (Figura 13). Passarelas e escadas externas projetam-se com arrojo desde o volume prismático, as primeiras ancoradas na encosta, as segundas como que suspensas no ar. Além das escadas externas protuberantes, existe uma escada de marinheiro fixada à base da casa, permitindo acesso direto ao lago. “Muito semelhante a uma casa na árvore, uma maneira de descer para a floresta (THE DOUGLAS HOUSE, <http://www.douglashouse.org/details>)”, declarou Tod Williams.

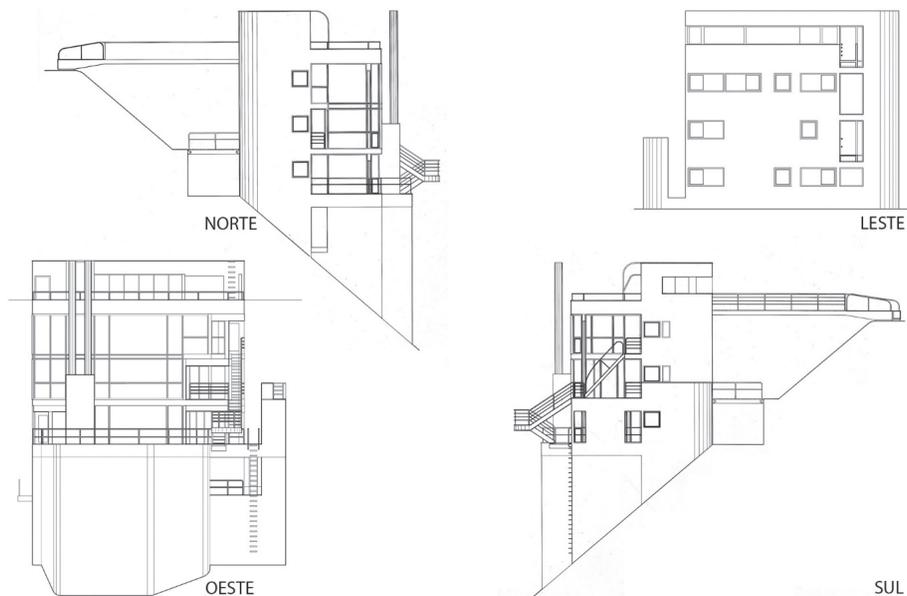


Figura 13. Casa Douglas. Fachadas.

Fonte: GA, n. 34, 1975, p. 44-45.

Os interiores também foram propostos por Meier e o mobiliário expressa fortemente a modernidade da casa. Algumas peças foram projetadas pelo próprio arquiteto – sofá da sala de estar, mesas de café e de jantar – e outras têm *design* de colegas importantes, como Le Corbusier, Mies van der Rohe, Marcel Breuer e Alvar Aalto, entre outros³² (Figura 14).

32 São originais da casa: 2 cadeiras LC4 lounges (Cassina); 3 LC2 cadeiras de braço; 2 LC1 cadeiras sling (LC=Le Corbusier); 1 sofá feito no local e mesa de jantar de Meier; 10 cadeiras de jantar de aço em balanço de Mies van der Rohe; 5 cadeiras de madeira 66 de Aalto; e uma grande mesa de café branca e moderna de Meier. Em: NATIONAL REGISTER OF HISTORIC PLACES, p. 6.

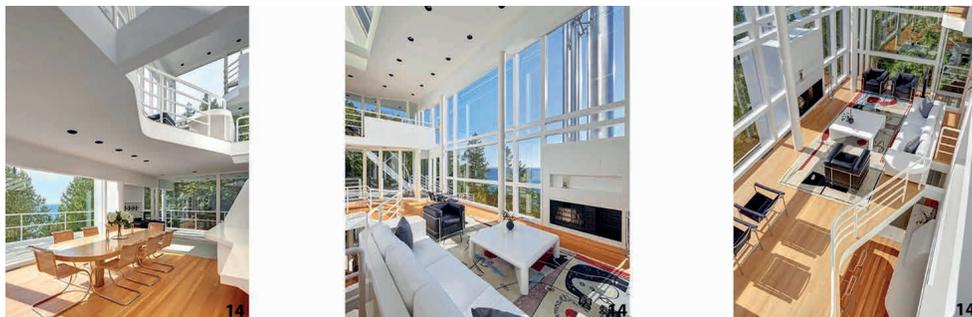


Figura 14. Casa Douglas. Vistas internas: jantar, estar, mezanino.

Fonte: Site oficial da Casa Douglas (Nota 8).

Precedentes

Embora a Casa Smith seja o precedente por excelência da Casa Douglas, há outras obras que lhe servem de referência, declaradamente ou não. Nas palavras do próprio Meier: “Na minha geração, todos foram influenciados por Aalto, Wright e Le Corbusier” (MINNER, 2011, p. 2).

Da Casa Smith, a Douglas herda a imagem geral: o volume cúbico, branco imaculado, em meio à natureza exuberante (Figuras 1 e 2). Smith, entretanto, é mais contida, mais baixa, implantada em lote menos dramático, com pendente mais suave. Situa-se na zona mais plana do terreno, junto à costa de Connecticut, e não exigiu grandes malabarismos estruturais. Mas a transparência frontal, buscando a vista do mar, contraposta à opacidade posterior, junto à estrada de acesso, são análogas. Também a passarela de entrada é semelhante, embora na precedente ela seja menor e conduza diretamente à área social, ao centro, sem criar o percurso descendente da Douglas (Figura 15).

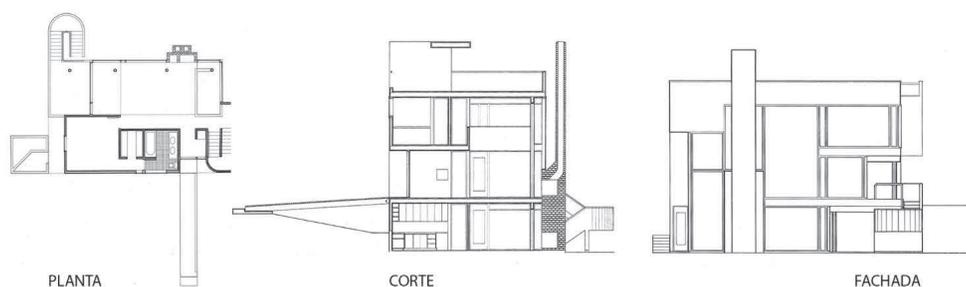


Figura 15. Casa Smith. Planta, corte e fachada.

Fonte: EISENMAN, 1982, p. 112-113.

A estrutura da planta, em três faixas longitudinais paralelas, é a mesma nas duas residências: zona íntima e serviços na faixa opaca, junto à estrada; corredor aberto para

a área de estar na faixa estreita ao centro; zona social ampla, fluida e transparente na faixa mais próxima à água. Suporte e fechamentos são também semelhantes em ambas, com metal na estrutura e madeira nas vedações e revestimentos. Mas o uso dos grandes *decks* de madeira e guarda-corpos metálicos em tubos pintados de branco ganham ênfase na Casa Douglas, aproximando-a ainda mais à estética do navio corbusiano. Da mesma forma, os elementos proeminentes na fachada frontal – chaminé da lareira à esquerda e escada curvilínea à direita de quem olha do ponto de vista da água – em meio aos grandes panos de vidro, atendem à mesma lógica nas duas residências, mas são mais exuberantes e ganham evidente conotação náutica na Douglas, que parece navegar em meio à mata virgem. Já dizia o mestre Le Corbusier em *Por uma Arquitetura*: “Uma casa sobre as dunas da Normandia, concebida como esses navios, seria mais apropriada que os grandes ‘tetos normandos’, tão velhos, tão velhos (LE CORBUSIER, 1977, p. 63)!” (Figura 16)



Figura 16 + 17. Transatlântico, Le Corbusier + Casa Stein, Garches, 1927. Vistas da rua e do jardim.

Fontes: LE CORBUSIER, 1977, p. 60 + BOESIGER, 1982, p. 42.

A Casa Douglas é frequentemente comparada à Casa Stein, em Garches (1927), também do mestre franco-suíço, a quem Meier faz rasgada reverência. A ideia do prisma branco, de base retangular, mais transparente de um lado que de outro, com grandes terraços e escadas proeminentes, está presente nas duas obras, assim como as esquadrias e os peitoris metálicos com alusões navais (Figura 17). Outra obra de Le Corbusier que pode ser mencionada é a pequena Villa Le Lac, projetada para seus pais, na borda do Lago Lemán (1925), Suíça. Tem outra escala, é muito mais modesta, mas conceitualmente próxima da Douglas pela relação com a paisagem natural e pela contraposição entre muro opaco que a separa da estrada e transparência para a vista do lago no lado oposto (Figura 18)³³.



Figuras 18 + 19. Villa Le Lac, Le Corbusier, 1925 + Casa Tugendhat, Mies van der Rohe, 1928-30.

Fontes: BOESIGER, 1982, p. 26 + ZIMMERMAN, 2006, p. 46-47.

Não se pode deixar de mencionar, também, a Casa Tugendhat (1928-30), de Mies van der Rohe, em Brno, República Tcheca. Tem em comum com a Douglas o terreno em pendente, que a deixa menos visível da rua de acesso que do pátio dos fundos. Ambas se apresentam como volumes prismáticos brancos, mais fechados e opacos na zona de acesso e abertos e transparentes no lado oposto, onde fica o setor social. A Tugendhat também tem estrutura metálica, terraço e escada proeminentes na parte transparente e guarda-corpos em tubos metálicos (Figura 19).

Outra obra digna de referência, tanto pelo volume prismático e branco como pela metáfora do navio, mas principalmente pelo sítio dramático, em vertiginosa pendente à beira-mar, é a Casa E.1027 (1926-1929), da irlandesa Eileen Gray. Localizada em Roquebrune-Cap-Martin, Riviera Francesa, a E.1027, como a Douglas, tem acesso pela estrada na parte de trás e abre-se para um grande terraço voltado para o mar, com acesso por escada proeminente (Figura 20).

A Casa Douglas certamente incorpora elementos de muitas outras obras e autores importantes. Frampton menciona o destaque dado à chaminé da lareira, que a aproxima do conceito do fogo ardente no coração das *Prairie Houses* de Frank Lloyd Wright³⁴. Também a ideia da continuidade e interpenetração de espaços em vários níveis e com várias alturas, de acordo com sua hierarquia e função, está presente no conceito de *Raumplan* de Adolf Loos, tão bem explorado na Casa Müller (Praga, 1928-30). A propósito, implantada em terreno com pendente, a Müller é também um prisma branco, mais aberto e com vista para a paisagem na parte frontal, onde há um terraço e uma escada externa (Figura 21).

34 FRAMPTON, 2008, p. 192.



Figuras 20 + 21. Casa E.1027, Eileen Gray, 1926-29 + Casa Müller, Adolf Loos, 1928-30.

Fontes: CONSTANT, 2000, p. 92 e 96 + SARNITZ, 2009, p. 70 e 74.

Este rico conjunto de elementos e conceitos, usados tanto na Douglas como na Casa Smith, serão desenvolvidos em projetos posteriores de Meier, residenciais e não residenciais. Muitas dessas ideias, por outro lado, deram origem a plágios e foram imitadas à exaustão por outros arquitetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1984, com apenas 49 anos de idade, Richard Meier recebeu o Prêmio Pritzker, a principal distinção no âmbito da arquitetura. O júri declarou que Meier “havia criado estruturas que eram pessoais, vigorosas e originais”. Depois disso, recebeu outras premiações por seus trabalhos e obras e realizou várias exposições, sendo reconhecido mundo afora. A Casa Douglas, assim como outras residências unifamiliares do arquiteto, faz parte deste “conjunto de estruturas vigorosas e originais” e pode ser considerada um dos mais ambiciosos e influentes edifícios de seus anos iniciais. Ela refina e desenvolve ideias primeiramente exploradas na Casa Smith, sua matriz geradora, e posteriormente empregadas em programas muito mais ambiciosos, como museus e centros culturais.



Figura 22. Casa Douglas na paisagem.

Fonte: Site oficial da Casa Douglas (Nota 8)

Trata-se, provavelmente, da casa unifamiliar mais fotografada de Meier. A dicotomia entre a brancura geométrica de seu volume e o verde intenso da paisagem natural,

emoldurada pelas águas azuis do Lago Michigan, cria uma cena muito fotogênica (Figura 22). Segundo Jencks, é a apoteose da *villa* corbusiana sobressaindo-se do mundo orgânico, o oposto da arquitetura de Frank Lloyd Wright, que busca um *continuum* entre natureza e cultura³⁵. Além disso, é uma das primeiras residências em que o autor utiliza de forma enfática a metáfora do navio, com guarda-corpos náuticos, dramáticos *decks* de madeira e altas chaminés metálicas. As fotos magistrais de Scott Frances, publicadas no site de Richard Meier & Partners³⁶, são em grande parte responsáveis por sua popularidade. Mas as fotos mais recentes, de James Haefner, disponíveis no site oficial da casa³⁷, também reforçam o contraste entre sítio dramático e residência moderna e rivalizam com as de Frances em beleza e profissionalismo.

A Douglas nasce a partir da Casa Smith, mas os desafios impostos pelo sítio fazem dela ainda mais complexa e inovadora. Richard Meier define bem a originalidade da própria obra:

Normalmente, quando se entra em uma casa, espera-se que o exterior seja trazido para dentro. Na Casa Douglas, entretanto, ocorre o contrário: somos transportados para fora, sobre o lago e para dentro da floresta. É, de fato, uma casa de opostos: para sair dela, subimos ao invés de descer (LYNCH, 2016, p. 2).

O tombamento da casa, juntamente com a paisagem que a cerca, a tornam especial e digna de registro. Brian Conway, Oficial de Preservação Histórica do Estado de Michigan, assim se manifesta:

Inscrita no Registro Nacional de Lugares Históricos, a Casa Douglas, de Richard Meier, é talvez sua obra residencial mais conhecida. Seu impressionante projeto moderno e sua forma branca contrastam com a dramática paisagem natural de encosta com vista para o Lago Michigan. Está entre os projetos residenciais modernos mais significativos do país (DOUGLAS HOUSE, <http://www.douglashouse.org/accolades>).

Mas entre tantas casas modernas importantes, inclusive do próprio Meier, por que justamente a Douglas teria merecido o selo de preservação? Há pelo menos três fatores que contribuíram para tal. Em primeiro lugar, a qualidade paisagística do sítio – vegetação, topografia, vista – e o fato de também ser preservado por lei. Em segundo lugar, o renome do autor e a qualidade arquitetônica da casa, que se destaca tanto pela composição volumétrica, como pela organização espacial e arrojo estrutural. Em terceiro lugar, está a dedicação dos atuais proprietários, que se empenharam em devolver à casa suas feições originais, desde a implantação até o tratamento dos interiores. E, ao que tudo indica, se depender de sua vontade, a abrirão ao usufruto do público num futuro próximo, dando-lhe a oportunidade de participar plenamente desta experiência arquitetônica.

35 JENCKS, 1988, p. 77.

36 <https://meierpartners.com/>

37 <https://www.douglashouse.org/>

REFERÊNCIAS

AV MONOGRAFÍAS: Richard Meier em Europa. Rosario: Arquitectura Viva, n. 59, mai-jun, 1996.

BOESIGER, W.; GIRSBERGER, H. **Le Corbusier 1910-65**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

BOESIGER, Willy. **Le Corbusier**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

BRADBURY, Dominic; POWERS, Richard (photographs). **The iconic house**. London: Thames & Hudson, 2009.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Organizadoras). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.

COMAS, Carlos Eduardo Dias; ADRIÁ, Miguel. **La casa latinoamericana moderna**. México: Gustavo Gili, 2003.

CONSTANT, Caroline. **Eileen Gray**. London: Phaidon, 2000.

THE DOUGLAS HOUSE. Disponível em: <<http://www.douglashouse.org/>> . Acesso em: 23/06/2021.

DOUGLAS HOUSE (HARBOR SPRINGS, MICHIGAN). Wikipedia, the free encyclopedia. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Douglas_House_\(Harbor_Springs,_Michigan\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Douglas_House_(Harbor_Springs,_Michigan))>. Acesso em: 23/06/2021.

DOUGLAS HOUSE. Richard Meier & Partners Architects LLP. Disponível em: <<https://www.richardmeier.com/?projects=douglas-house-2>>. Acesso em: 20/05/2021.

EISENMAN, Peter, et al. **Five architects**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

FRAMPTON, Kenneth. **American Masterworks: houses of the 20th and 21st centuries**. New York: Rizzoli, 2008.

GA (GLOBAL ARCHITECTURE): Richard Meier: Douglas House. Tokyo: A.D.A, n. 34, 1975.

HILL, John. Richard Meier's Douglas House added to National Register of Historic Places. World-architects.com, Profiles of Selected Architects, jul. 2016. Disponível em <<https://www.world-architects.com/en/architecture-news/headlines/richard-meiers-douglas-house-added-to-national-register-of-historic-places/>>. Acesso em: 29/04/2022.

HOWART, Dan. Richard Meier's Douglas House joins America's historic places list. Dezeen, jul. 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/07/13/richard-meier-douglas-house-lake-michigan-added-to-america-national-register-of-historic-places/>>. Acesso em: 28/04/2022.

JENCKS, Charles. **Architecture today**. London: Academy Editions, 1988.

JODIDIO, Philip. **Richard Meier**. Köln: Taschen, 1995.

KING, August. Douglas House: Richard Meier & Partners Architects. The Journal of the American Institute of Architects, jul. 2016. Disponível em <https://www.architectmagazine.com/project-gallery/douglas-house_o>. Acesso em: 29/04/2022.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. Perspectiva: São Paulo, 1977.

LYNCH, Patrick. Richard Meier's Douglas House added to national register of historic places. ArchDaily, jul. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/791231/richard-meiers-douglas-house-added-to-national-register-of-historic-places>>. Acesso em: 28/04/2022.

KING, August. The Douglas House added to National Register of Historic Places. The Journal of the American Institute of Architects, jul. 2016. Disponível em <<https://www.architectmagazine.com/design/the-douglas-house-added-to-national-register-of-historic-places>>. Acesso em: 29/04/2022.

MINNER, Kelly. Restoring a classic: Richard Meier's Douglas House. ArchDaily, set. 2011. Disponível em <<https://www.archdaily.com/165964/restoring-a-classic-richard-meiers-douglas-house>> . Acesso em: 28/04/2022.

MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderno**: arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

NATIONAL REGISTER OF HISTORIC PLACES. Disponível em: <<https://www.nps.gov/nr/feature/places/16000232.htm>>. Acesso em: 25/06/2021.

NATIONAL REGISTER OF HISTORICAL PLACES REGISTRATION FORM (PDF), 2016. Disponível em: <https://www.nps.gov/nr/feature/places/pdfs/16000232_R_A.pdf>. Acesso em: 25/06/2021.

AN ONLINE CHRONICLE OF THE DOUGLAS HOUSE. IconicHouses.org, 2020. Disponível em <<https://www.iconichouses.org/news/an-online-chronicle-of-the-douglas-house>>. Acesso em: 05/05/2022.

RICHARD MEIER ARCHITECT. New York: Rizzoli, 1984.

RICHARD MEIER. Wikipedia, the free encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Meier . Acesso em: 21/12/2020.

RICHARD MEIER (site oficial). Disponível em: <<https://meierpartners.com/project/douglas-house>>. Acesso em: 25/04/2022.

SARNITZ, August. **Adolf Loos**: 1870-1933. Köln: Taschen, 2009.

STEEP SLOPE PROTECTION / WETLAND AND WATERCOURSE PROTECTION, REGION 5 – MICHIGAN, 2002. Disponível em <<http://www.m119tunneloftrees.org/media/assets/media/miordemmetshorelinebluffoverlay.pdf>>. Acesso em: 03/05/2022.

TUNNEL OF TREES SCENIC HERITAGE ROUTE, 2013. Disponível em <http://www.m119tunneloftrees.org/history_2.asp?ait=cv&cid=2>. Acesso em: 03/05/2022.

ZIMMERMAN, Claire. **Mies van der Rohe**: 1886-1969. Köln: Taschen, 2006.